

universais discursivos, dessas generalizações, dessas abstrações. Ler é apreender esses universais, é fazer generalizações. Tomemos, por exemplo, o poema "Campo de Tarragona", de João Cabral:

Do alto da torre quadrada
da casa de En Joan Miró
o campo de Tarragona
é mapa de uma só cor.

É terra de Catalunha
terra de verdes antigos
penteada de avelã,
oliveiras, vinha, trigo.

No campo de Tarragona
dá-se sem guardar desvãos:
como planta de engenheiro
ou sala de cirurgião.

No campo de Tarragona
(campo ou mapa o que se vê?)
a face da Catalunha
é mais clássica de ler

Podeis decifrar as vilas,
constelação matemática,
que o sol vai acendendo
por sobre o verde de mapa.

Podeis lê-las na planície
como em carta geográfica,
com seus volumes que ao sol
têm agudeza de lâmina,

podeis vê-las, recortadas,
com as torres oitavadas
de suas igrejas pardas,
igrejas, mas calculadas.

Girando-se sobre o mapa,
desdobrado pelo chão
ao pé da torre quadrada,
se avista o mar catalão.

É mar também sem mistério,
é mar de medidas ondas,
a prolongar o humanismo
do campo de Tarragona.

Foram águas tão lavradas
quanto os campos catalães.
Mas poucas velas trabalham,
hoje, mar de tantas cãs.¹³

É universal cultural a oposição entre natureza e cultura, bem como a culturalização da natureza e a naturalização da cultura. Tornam-se, assim, virtualidades do universo discursivo. No poema cabralino, aparece essa oposição quando o poeta se pergunta: “campo ou mapa o que se vê?”. A luz do sol revela essa paisagem, que é natural (campo) e cultural (mapa): “Podeis decifrar as vilas,/ constelação matemática,/ que o sol vai acendendo/ por sobre o verde de mapa”. A visão é o sentido que opera a análise da paisagem da Catalunha: decifrar, ler, ver, avistar. O que é natural (“É terra de Catalunha/ terra de verdes antigos”, “verde de mapa”), a partir do adjetivo “antigo” e da locução “de mapa” aplicados a “verde”, começa a tornar-se cultural, porque racionalmente organizado pelo trabalho humano: é planta de engenheiro ou sala de cirurgião. A vista vai lendo a paisagem como mapa, terra penteada, constelação matemática, carta geográfica. Mesmo as igrejas são esvaziadas de sua força mística, porque são igrejas, sim, mas calculadas. O mar assim como a terra foi lavrado pelo trabalho humano da navegação, que, outrora, num tempo antigo (o das grandes navegações?), foi muito intensa (“Mas poucas velas trabalham,/ hoje, mar de tantas cãs.”). Essa operação náutica levou a um domínio do mar (“É mar também sem mistério,/ é mar de medidas ondas”), que foi o caminho a levar a civilização do campo de Tarragona a outros lugares do mundo (“a prolongar o humanismo/ do campo de Tarragona”). A paisagem é resultado de uma cultura, de uma civilização. O trabalho humano manifesta-se numa arquitetura que desvela uma história.

Como se observa, o percurso figurativo do mapa, do traçado geométrico, atualiza o tema da culturalização da natureza, da historicização da natureza por ação do trabalho humano.

Do ponto de vista translinguístico, o discurso ganha sentido e identidade na relação com outros discursos, que ele cita, parodia, estiliza, com que concorda, de que discorda, a que se opõe, etc.¹⁴ Essa relação interdiscursiva é o dialogismo. Por serem dialógicos é que os discursos são objetos históricos. Sua historicidade não é algo externo, que é dado por referências a acontecimentos da época em que foram produzidos ou por curiosidades a respeito de suas condições de produção (por exemplo, a biografia do autor ou relatos sobre o período em que o autor realizou sua obra). Ela é captada no próprio movimento linguístico de sua constituição. É na percepção das relações com o discurso do outro que se compreende a história que perpassa o discurso. Com a concepção dialógica, a análise histórica dos textos deixa de ser a descrição de uma época, a narrativa da vida de um autor, para se transformar numa final e sutil análise semântica, que vai mostrando aprovações ou reprovações, adesões ou recusas, polêmicas e contratos, deslizamentos de sentido, apagamentos, etc. A história não é exterior ao sentido, mas é interior a ele, pois ele é histórico, já que se constitui fundamentalmente no confronto, na contradição, na oposição das vozes que se entrecrocaram na arena da realidade. Captar as relações do texto com a história é apreender esse movimento dialético de constituição do sentido.

Por participar de um diálogo, sendo, pois, considerado uma réplica, um discurso tem um acabamento, ou seja, ele permite uma resposta; apresenta um enunciador, um enunciatário e contém valorações, emoções, etc.¹⁵ A enunciação constrói o discurso e este erige seu sujeito.

A relação dialógica entre discursos será chamada relação interdiscursiva e, na medida em que é constitutiva do discurso, é uma relação necessária. Não há discurso fora das relações interdiscursivas.¹⁶

Exemplifiquemos. Como o princípio central do discurso estruturalista é o da prioridade das relações sobre os elementos e, por conseguinte, o de que as relações que definem a estrutura formam uma hierarquia - cujas partes estão relacionadas entre si e mantêm relações com o todo que engendram -, o discurso estruturalista está em oposição ao discurso transcendentalista, ao analogista e ao anomalista.

O discurso transcendentalista é aquele que faz da linguagem meio para compreender a sociedade humana, o psiquismo do homem, seu sistema concei-